

## O ESTUDO DA ARTE DA LINGUAGEM: UMA QUESTÃO DE SIGNIFICAÇÃO

**Daiane Neumann<sup>1</sup>**

daiane\_neumann@hotmail.com

**RESUMO:** O artigo que ora apresento busca resgatar uma questão que perpassa as reflexões de grandes estudiosos da linguagem desde a instituição da linguística enquanto ciência: a arte da linguagem; a fim de discutir a importância do estudo do texto literário para que se pensem questões de significação. Para tanto, inicio refletindo sobre o gesto de abertura de grandes linguistas para com tal temática. Em seguida, apresento uma reflexão sobre a indissociabilidade da forma e do sentido, do som e do sentido, em textos literários, com o objetivo de propor um referencial teórico para o cotejo de tais textos. Ao final, discuto então sobre o que a análise da arte da linguagem mostra sobre a construção da significância, sobre a produção de sentido, intencionando levantar questões pertinentes aos estudos da linguagem.

**Palavras-chave:** A arte da linguagem; teoria da linguagem; significação.

### INTRODUÇÃO

Marlene Teixeira nos deixou em um momento em que, conforme Dessons (2006), as proposições de Benveniste no que tange ao pensamento das relações da linguagem com a sociedade e a subjetividade, que se revelam de uma notável lucidez, apenas começam a serem consideradas em toda a sua pertinência.

No entanto, em seu último texto, em parceria com Rosângela Markmann Messa, “Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala”, Marlene Teixeira mostra ter compreendido em sua essência tais proposições de Benveniste, para que se possa dar continuidade ao pensamento desse grande linguista, através de perspectivas antropológicas do estudo das formas complexas do discurso. Messa e Teixeira (2015: 100) evidenciam que “a

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsa CAPES/REUNI.

multiplicidade de interesses que nele [universo benvenistiano] encontramos tem seu ponto de convergência na preocupação com a significação”.

É buscando me inserir nesse debate, tal como apresentado por Messa e Teixeira (*ibid.*), que proponho a reflexão sobre a pertinência e a riqueza do estudo da arte da linguagem, para se pensar, em especial, questões que envolvam a significação. Contudo, é necessário que se façam duas advertências quanto a tal proposta: 1ª – ao denominar o texto literário “arte da linguagem”, não o concebo enquanto sacralizado, como o lugar do bom uso da linguagem, mas enquanto o lugar em que a linguagem está estreitamente ligada ao processo de individuação, de subjetivação<sup>2</sup>, por isso, o que denomino “belo da linguagem” está no ordinário mesmo, naquele de todos os dias; 2ª – a observação do poema, conforme pontua Meschonnic (2009), é privilegiada na medida em que é nele em que se pode melhor perceber as características da linguagem; por isso, o que se percebe a partir de sua análise, pode ser estendido em menor ou maior grau à linguagem toda.

Aqueles que são comumente considerados, no domínio dos estudos da linguagem, como grandes estudiosos, Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Roman Jakobson, não se furtaram a pensar a linguagem em suas diversas manifestações, inclusive no texto literário. Tal constatação evidencia que o gesto de abertura do linguista a esse domínio, embora o desafie, enriquece a sua observação sobre a linguagem, lançando luzes, em especial, aos estudos do sentido.

É o que constata Benveniste. Em sua obra, conforme o explicitam Messa e Teixeira (*ibid.*), mesmo que os temas que a perpassam sejam diversos, o que os une é a preocupação com a significação. Benveniste, se opondo à linguística de sua época e ao comparatismo, que se dedicavam sobretudo ao estudo das formas da língua, se propõe a pensar “a forma e o sentido na linguagem” (2006a: 220). Para o linguista sírio, não se pode dissociar a forma do sentido, nem o sentido da forma, fato este que lhe parece incontestável ao se debruçar sobre os poemas de Baudelaire “1) la dichotomie forme sens / a ici encore moins de sens que partout ailleurs. / 2) le «sens» en poésie est intérieur à la «forme».”<sup>3</sup> (2011, p. 428).

Partindo de tal constatação de Benveniste, me proponho aqui a discutir sobre a contribuição do pensar o texto literário para a reflexão do linguista, principalmente no que

---

<sup>2</sup> Segundo Dessons (2011: 40), «Le ‘poème’ se présent[e] comme un discours où le sujet s’engage – au maximum – dans la recherche de ce qui fait de lui un être de signification. »

<sup>3</sup> A dicotomia forma sentido / tem aqui ainda menos sentido do que em qualquer parte alhures. / o “sentido” em poesia é anterior à “forma”. As traduções em nota de rodapé que não forem acompanhadas de referência bibliográfica são de minha responsabilidade.

concerne aos estudos da significação, concebidos em sua relação intrínseca entre forma e sentido, som e sentido.

Para tanto, em um primeiro momento, apresentarei a preocupação de teóricos da linguagem com o gesto de abertura ao texto literário e de que forma nasceu tal gesto. Em seguida, discutirei a relação de indissociabilidade da forma e do sentido, e do som e do sentido, a fim de apresentar um constructo teórico sobre o qual o texto literário é aqui observado. Por fim, apresentarei algumas considerações que se impõem ao linguista especificamente ao analisar a construção da significância em textos e obras literárias e que podem ser de grande relevância para que se pense em questões mais gerais de linguagem.

## 1. O TEXTO LITERÁRIO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A preocupação com a consideração de textos literários nos estudos da linguagem não é nova, ela nasceu praticamente com a instituição da linguística enquanto ciência, principalmente através do trabalho realizado por Ferdinand de Saussure. No entanto, por muito tempo, o Saussure que conhecemos foi somente aquele do *Curso de linguística geral*, atravessado pela leitura do movimento estruturalista que construiu suas bases a partir de tal obra.

Foi somente a partir de meados da década 50 que começaram a serem publicadas as notas inéditas de F. de Saussure, as fontes manuscritas do *Curso*, por Robert Godel, e reapareceram as notas de curso de Émile Constantin. Em 1967-1968, Rudolf Engler apresentou uma edição crítica do *Curso de linguística geral*, associada às notas de curso dos estudantes de Saussure e a notas manuscritas. Em 1971, foram publicados os anagramas de Saussure por Starobinski, e mais tarde, já na década de 90, as notas sobre fonética contidas nos manuscritos vendidos a Houghton Library de Harvard. Em 2002, Maria Pia Marchese publicou notas sobre a teoria das sonoras contidas nos manuscritos recebidos pela Biblioteca Pública e Universitária de Genebra; e Simon Bouquet e Rudolf Engler organizaram a Edição dos Escritos de linguística geral por Ferdinand de Saussure. Em 2003, houve ainda a publicação, por Simon Bouquet, do *Cahier de l'Herne*, consagrado a Saussure.

Tais publicações levaram à reconsideração do pensamento do mestre genebrino e à releitura do próprio *Curso de linguística geral*, por parte de muitos estudiosos. Nesse contexto, Henri Meschonnic se opõe ainda em 1982<sup>4</sup> ao que denominou de leitura

---

<sup>4</sup> Faço referência à obra *Critique du rythme* que foi originalmente publicada em 1982, a edição citada neste trabalho é de 2009;

estruturalista do *Curso*, resgatando e colocando em destaque em Saussure a noção de sistema, de valor, de funcionamento e do radicalmente arbitrário. Tais noções, segundo o teórico da linguagem, teriam sido cruciais para a “invenção do discurso”, mais tarde, por Émile Benveniste.

No mesmo movimento de resgate de um outro Saussure, Dessons (2005), ao escrever sobre o “discursif”, se opõe a uma “visão esquizofrênica” de um Saussure racionalista e delirante-desejante a fim de mostrar a preocupação do linguista de pensar a discursividade da linguagem. De acordo com o autor, a literatura preenche, nos *Écrits*<sup>5</sup>, a função de motor para uma reflexão epistemológica sobre a linguagem. Além disso, o trabalho de Saussure sobre a poesia saturniana, nos anagramas, permite “légitimer, en tant que règles de composition, des lois de langage inacceptables pour une science linguistique en cours de constitution, et, surtout, une science du langage qui place la question du signe au centre de sa réflexion.”<sup>6</sup> (p. 38).

Pode-se perceber, dessa forma, que já na própria constituição da disciplina “linguística” há a preocupação de Saussure em debruçar-se sobre o literário, e há o germe daquilo que será mais tarde observado por Jakobson, Benveniste e Meschonnic<sup>7</sup>, que é um outro tipo de significação que ali se apresenta, uma outra forma de construção de sentido.

Jakobson (1963/2003), em conferência intitulada “Linguistique et poétique”, publicada originalmente em inglês, sob o título “Closing statements: Linguistics and Poetics”, em 1960, denuncia o anacronismo de um linguista surdo à função poética da linguagem assim como um especialista de literatura indiferente aos problemas e ignorando os métodos linguísticos. Segundo o linguista russo, sendo a linguística a ciência global das estruturas linguísticas, a poética pode ser considerada como fazendo parte integrante dessa linguística. Separar os dois domínios seria, portanto, fruto de uma interpretação corrente, mas errada, que vê contraste entre “la structure de la poésie” e “les autres types de structures verbales” (p. 211).

Para Jakobson (*ibid.*: 213), “le langage doit être étudié dans toute la variété de ses fonctions”<sup>8</sup>. Ademais, a tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética<sup>9</sup> somente resultaria numa simplificação excessiva e enganosa. A

---

<sup>5</sup> *Écrits de linguistique générale*, Gallimard, 2002.

<sup>6</sup> Legitimar, enquanto regras de composição, leis de linguagem inaceitáveis para uma ciência linguística que estava sendo constituída, e, sobretudo, uma ciência da linguagem que situa a questão do signo no centro de sua reflexão.

<sup>7</sup> Voltarei a essa questão na próxima seção do artigo.

<sup>8</sup> A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. (Jakobson, 1973: 122)

<sup>9</sup> Para Roman Jakobson, há seis funções de base para a comunicação verbal: a função emotiva, referencial, conativa, poética, fática e metalinguística.

função poética, nas palavras do linguista russo, “n’est pas la seule fonction de l’art du langage, elle en est seulement la fonction dominante, déterminante, cependant que dans les autres activités verbales elle ne joue qu’une rôle subsidiaire, accessoire.”<sup>10</sup> (p. 218).

A preocupação com o texto literário também esteve presente nas reflexões de Émile Benveniste, que respondendo à questão de saber se a linguagem poética seria interessante para a linguística, afirmou: “Imensamente”(2006b: 37). Conforme Messa e Teixeira (2015), a publicação recente das notas manuscritas do linguista sobre a “língua de Baudelaire” (Benveniste, 2011), organizada por Chloé Laplantine, viria apenas reforçar que a literatura desde sempre ocupou sua atenção. Ainda segundo as autoras, tal fato pode ser atestado de várias outras formas: na proximidade de Benveniste com o movimento surrealista; na resenha escrita por ele sobre a tradução francesa dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge* de Rilke, que faz referência à necessidade de uma reinvenção dos meios de análise do texto do poeta; na produção de um texto, em 1945, acerca do imaginário poético da água, em *L’eau virile*, para um número da revista *Pierre à feu*, organizado pelo poeta Jacques Kobes.

Embora a preocupação com o estudo da arte da linguagem tenha ocupado grandes linguistas, que figuram como referência nos estudos da linguagem, é justo afirmar que tal questão ocupou desde sempre um lugar marginal em suas reflexões. Pensando em discutir tal problemática, proponho na seção seguinte pensar na indissociabilidade da forma e do sentido, do som e do sentido no texto literário, para levantar na última seção questões que a construção de sentido na arte da linguagem, observada a partir de tal ponto de vista, traz para que se pensem questões mais gerais de linguagem.

## **2. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE FORMA E SENTIDO, ENTRE SOM E SENTIDO, EM TEXTOS LITERÁRIOS**

Nesta seção, busco, ao discutir sobre a indissociabilidade entre forma e sentido, entre som e sentido, de um lado, lançar as bases teóricas segundo as quais o texto literário é aqui cotejado, e de outro, mostrar que tal forma de abordá-lo se deve, também, à própria observação dos teóricos da linguagem em relação à sua composição.

Benveniste é não apenas um dos primeiros linguistas a denunciar a falta de interesse por questões que envolvam o sentido entre os estudiosos da linguagem, mas também um dos

---

<sup>10</sup> Não é a única função da arte verbal, mas tão somente a função dominante, determinante, ao passo que em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. (Jakobson, 1973: 128)

primeiros a pensar as “noções gêmeas de sentido e forma” (2006a: 221). Para o linguista, tentar reinterpretar a oposição entre tais termos no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, significa perceber que tal oposição contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem, pois de um só golpe nos coloca no centro do “problema mais importante, o problema da significação” (*ibid.*: 222).

Para discutir sobre tal problema da linguagem, o da significação, Benveniste retorna a Saussure, o que o torna um dos primeiros leitores da obra do linguista genebrino a pensar questões de sentido, a partir do *Curso de linguística geral*. O linguista sírio mostra que o “*signo é uma unidade semiótica*” (*ibid.*: 224), o que significa definir o signo enquanto unidade e enquanto dependente da ordem semiótica. Tal unidade é composta por forma e sentido, “já que o signo, unidade bilateral por natureza, se apresenta por sua vez como significante e como significado” (*ibid.*: 225). Tal indissociabilidade também se apresenta, da mesma forma, ao tomar o signo como unidade dependente da ordem semiótica, pois, segundo o linguista, as unidades da língua podem ser decompostas, tais unidades seriam elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupariam para formar novas unidades, que por sua vez poderiam formar outras ainda, de um nível cada vez superior; no entanto, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior, tal limite seria o da “*significação*” (*ibid.*).

Assim, Benveniste (*ibid.*) enuncia que tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Dessa forma, cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua, “quem diz ‘semiótico’ diz ‘intralinguístico’” (p. 228).

Buscando “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (*ibid.*: 224), o linguista sírio propõe que se trace, através da língua inteira, uma linha que distingue duas espécies e dois domínios do sentido e da forma, mesmo que, paradoxalmente, sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte dotados, contudo, de estatutos diferentes. Assim, “há duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (*ibid.*: 229). A última foi denominada pelo linguista “semiótica”, e a primeira, “semântica”.

No domínio do semântico, percebe-se a língua em emprego e em ação. A língua se torna mediadora entre o “homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando

a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens”. (*ibid.*).

Assim, Benveniste atenta para o fato de que a construção do sentido no discurso, no domínio semântico, se dá de forma totalmente diversa daquela do domínio semiótico, na medida em que o signo semiótico “existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular” (*ibid.*: 230). Logo, “sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (*ibid.*: 233-234)

A indissociabilidade entre forma e sentido também no domínio semântico é inclusive ilustrada pelo linguista através do uso de exemplos. Benveniste atenta para o fato de que, em tal domínio, as palavras “contraem valores que em si mesmas elas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares”, (*ibid.* p. 232), pois no semântico, há coligação de conceitos logicamente opostos, que até mesmo se reforçam ao se unirem, o que seria tão comum que nem mesmo tomamos consciência da ligação entre “ter” e “perder” em “eu tenho perdido”, entre “ir” e “vir” em “ele vai vir”, entre “dever” e “receber” em “ele deve receber”.

Ao debruçar-se sobre os poemas de Baudelaire, Benveniste (2011) percebe que a dicotomia entre forma e sentido tem menos sentido ainda no texto literário do que em qualquer outro lugar, pois o sentido em poesia estaria no interior da própria forma.

Meschonnic, com vistas a continuar a reflexão de Benveniste no ponto em que este a deixou, no texto “Semiologia da língua”, em que o linguista aponta para a constituição de uma “translingüística” ou “metassemântica”, através da análise dos textos e das obras, propõe-se a pensar a constituição da significância em textos e obras literárias, através do que denominou de “semântico sem semiótico”. Tal análise busca observar a construção da significância em textos e obras, pensando em uma imbricação mútua entre semântico e semiótico, o que só pode acontecer, de acordo com Meschonnic, se o olhar parte do primado do discurso. Dessa forma, não se observa o emprego de unidades do domínio semiótico no discurso, mas sim como o todo do discurso, concebido enquanto unidade, constrói as suas unidades e, conseqüentemente, sua própria significância.

Tal discussão que pensa os textos e as obras enquanto unidades coloca Meschonnic diante da observação de que não se pode dissociar som e sentido. O teórico da linguagem (2009) destaca, no entanto, que a história dos estudos linguísticos mostra uma dualidade, uma

heterogeneidade entre som e sentido; que embora haja tentativas de associar o estudo de um ao outro, ou de mostrar que as línguas associam o sentido ao som, em geral, se concebe o som mais o sentido.

Na esteira de Meschonnic (*ibid.*), o fechamento estruturalista do tempo levaria a uma anulação do mesmo, na medida em que a percepção do fluxo seria suprimida. Da mesma forma, o formalismo do som deduziria de Saussure que não há “aucune rapport entre le contenu et le contenant dans le texte”, visto que “dans le seul esprit du lecteur que réside cette union, et non dans le poème”<sup>11</sup> (Gauthier 1974: 10 *apud* Meschonnic *ibid.*: 208). Tal linguística acabaria por buscar suas estruturas no poema e falsearia o termo significante, pois ela o transformaria em um recipiente.

Essa versão do dualismo seria exatamente do que o trabalho de Saussure teria buscado se distanciar. Saussure mostra que os dois elementos são inseparáveis, o que fica evidente na construção de conceitos como o de valor, de sistema e de funcionamento no arbitrário; conceitos esses que tornam possível que se pense uma historicidade da linguagem e, portanto, uma poética dessa historicidade.

Meschonnic (1989/2006: 59) estranha que Jakobson, em *Six leçons sur le son et le sens*, 1942, p. 78, refira-se ao fonema como um “signe différentiel pur et vide”<sup>12</sup>, pois a língua, um sistema de sentido, seria definida por elementos vazios de sentido. Além disso, atenta ainda o autor para o fato de que os fonemas em geral são estudados em palavras isoladas, fora do discurso.

Ainda numa outra passagem da mesma obra de Jakobson, Meschonnic (*ibid.*: 60) apresenta um segundo estranhamento ao ler: “les sons du langage pris comme un tout sont un artefact expressément construit pour le langage, et qui ont donc par définition une finalité”<sup>13</sup> (p. 41). Tal passagem seria, em um primeiro momento, contraditória com o que viria a seguir no mesmo texto “les sons articulés discrets n’existaient pas avant le langage”<sup>14</sup> (p. 41) e, em um segundo momento, tautológica, porque os sons, em realidade, são a própria linguagem.

Seria então somente saindo da língua e entrando no contínuo do discurso-ritmo-e-prosódia-do-sentido, segundo Meschonnic (*ibid.*), que os fonemas apareceriam como uma rede de significância. Para a língua, concebida enquanto domínio semiótico, eles seriam

---

<sup>11</sup>[...] nenhuma relação entre forma e conteúdo no texto, só no espírito do leitor é que reside essa união, e não no poema.

<sup>12</sup> Signo diferencial, puro e vazio.

<sup>13</sup> Os sons da linguagem tomados como um todo são um artefato expressamente construído para a linguagem e que têm, portanto, por definição, uma finalidade.

<sup>14</sup> Os sons articulados discretos não existiam antes da linguagem.

vazios de sentido. O discurso faz deles valores, num sistema de significância. O discurso abriria para uma antropologia do infinito, infinito da linguagem, infinito do sujeito.

Ao pensar a língua, têm-se as duas faces do signo e a dupla articulação. De um lado, há os fonemas, que não têm sentido, e, de outro, as unidades, que portam sentido. No discurso, há uma ritmicidade e uma prosódia que são denominadas por Meschonnic (1989/2006: 59) “signifiance”. Isto é, uma organização uma difusão de efeitos que se constituem, que se constroem indefinidamente. A significância não trata dos sentidos lexicais das palavras, de sua significação em uma determinada situação com um determinado emissor e destinatário, mas ela os carrega, os atravessa, os une e os desune, enfim, os engloba.

A partir, então, da consideração da indissociabilidade entre forma e sentido, entre som e sentido, no texto literário, e considerando o texto e a obra enquanto unidades que constroem sua significância através dessa relação de indissociabilidade, proponho-me a discutir na próxima seção algumas questões que se impõem ao linguista no que concerne à construção dos sentidos no texto literário e que podem ser deslocadas para pensar sobre a linguagem em geral.

### **3. O ESTUDO DA ARTE DA LINGUAGEM E A SIGNIFICAÇÃO**

Ao observar os textos literários a partir da indissociabilidade entre forma e sentido, entre som e sentido, em uma perspectiva de análise do semântico sem semiótico, conforme proposta de Meschonnic, somos levados à observação também de aspectos prosódicos e acentuais da linguagem, historicamente negligenciados pelos estudos da linguagem, e passamos a analisar nos textos e nas obras, o ritmo, as rimas, os ecos prosódicos, a voz, o silêncio.

A partir de tal análise, percebemos que não há mais o vazio rítmico, assim como não há o vazio semiótico, nem o vazio semântico, pois nada no discurso é amorfo. Toda a linguagem passa a ser concebida como organizada linguisticamente e ritmicamente. O suprasegmental da linguagem não é, no entanto, tratado como um nível, mas figura enquanto intrinsecamente relacionado à sintaxe, à morfologia, ao léxico.

O texto e a obra são considerados como uma unidade que produz a sua própria significância através de relações paradigmáticas e sintagmáticas que emergem dessa unidade. Tais relações passam por todos os elementos da linguagem, pela prosódia, pela acentuação, pela sintaxe, pela morfologia, por cada vogal, por cada consoante. Ou seja, é o todo do discurso que produz as relações que podem ser construídas a partir da leitura.

O discurso é, assim, concebido como o lugar da atividade dos sujeitos na e contra uma história, uma cultura, uma língua, mas não mais como o lugar do emprego de signos. A construção dos sentidos se dá então no e pelos sujeitos, na medida em que o sentido está no discurso, e não na língua. Dessa forma, mais do que dizer, a obra faz alguma coisa; constatação que subverte a separação conhecida tradicionalmente entre semântica, pragmática e estética. Todos os níveis da linguagem são englobados no processo de construção da significância dos poemas e da obra, e a sua produção trata-se de uma ação sobre o mundo, em que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, conforme proposta de Benveniste (2005a). Ademais, a obra não se configura mais enquanto um ato estético, mas sim enquanto um ato ético.

Conforme demostrei em trabalho de tese, em Neumann (2016), ao considerar a obra a partir da física do discurso, de um olhar que considera o semântico por ele mesmo, não se pode mais separar o que é do âmbito exclusivamente da linguagem e o que é do âmbito exclusivamente da voz<sup>15</sup>. É na relação de imbricação entre ambas que se constrói a significância do texto, na medida em que a acentuação depende da organização que se dá ao texto, do lugar em que estão dispostos seus elementos, de cada morfema, de cada vogal, de cada consoante. Por outro lado, a disposição dos elementos, de cada morfema, de cada vogal, de cada consoante, parece não estar dissociada da consideração dos aspectos prosódicos e acentuais.

Os aspectos acentuais e prosódicos organizam, dispõem a configuração que toma o discurso, o que os torna inseparáveis desse discurso. Eles não acrescentam, pois, sentidos, já que a significância é transversal ao discurso e passa por todos os seus elementos. É na relação sintagmática e paradigmática que se constrói a significância.

A observação de tais aspectos mostra, além disso, que o poema não é feito de signos, embora se constitua de signos linguisticamente, nesse sentido, faz-se uma antissemiótica. Por isso, a análise de textos e de obras, partindo dessa concepção de linguagem, busca não dizer o sentido dos poemas, mas mostrar como eles significam e a situação em que eles significam.

A escuta do poema coloca a visão na audição, o visual se torna, dessa forma, inseparável de seu conflito com o oral, conforme pontua Meschonnic (2009), a página escrita,

---

<sup>15</sup> No trabalho de tese intitulado “Em busca de uma poética da voz”, discuto a noção de voz, me opondo à sua consideração tão e somente enquanto som, buscando pensar no seu caráter subjetivo, em sua relação não somente com a língua, enquanto sistema de signos, mas também em sua relação com a linguagem, enquanto constituída pelo domínio semântico e semiótico. Conforme discuto na tese, a análise da voz passa pelos aspectos prosódicos, acentuais, pelo ritmo, pelas rimas, pelos ecos prosódicos dos textos e das obras, que não podem ser dissociados de sua sintaxe, sua morfologia e de sua semântica.

impressa, coloca em relevo, assim como toda prática de linguagem, uma teoria da linguagem e uma historicidade do discurso, cuja prática é realizada e a desconhece.

Observar os aspectos prosódicos e acentuais em uma obra nos leva a conceber o discurso como um sistema, como um todo, que cria, portanto, a sua própria sintagmática e paradigmática. Tais aspectos, dessa forma, são responsáveis também pela organização do discurso, tanto por sua sintagmatização, quanto pela construção de valores, através de relações múltiplas que se estabelecem pela obra, pelos poemas.

Ao analisar a voz dos poemas da obra *Memórias Inventadas: a Infância*, de Manoel de Barros, em Neumann (*ibid.*), foi possível observar que os aspectos prosódicos e acentuais são responsáveis por ligar partes do discurso, juntamente com a sintaxe e a morfologia; por exercer o papel de pontuação, já que muitas vezes é a acentuação que marca a separação de grupos sintáticos; por destacar, colocar em relevo, componentes morfológicos, que levam a múltiplas relações de sentido entre os elementos do discurso, o que constitui uma teia de correspondências, sugerindo novos valores, novos sentidos; por destacar, colocar em relevo elementos dos grupos sintáticos; construir e constituir novos valores a partir da relação que se estabelece entre elementos de um mesmo grupo sintático e/ou na relação entre elementos de grupos diferentes.

Através da análise dos aspectos prosódicos e acentuais da obra de Manoel de Barros, pude observar que as correspondências, as rimas, os ecos prosódicos, concorrem muitas vezes para a ênfase e o relevo de sentidos trazidos pelo texto, bem como para a constituição mútua de valores entre elementos que são destacados nos textos e na obra. Ademais, tal análise, por vezes, permite que se estabeleçam relações de valores múltiplas entre elementos do texto que não são ditadas necessariamente pelo critério da proximidade; permite ainda que novos sentidos sejam construídos e que se abra espaço também para a sugestão, para a abertura de sentidos, mostrando que a constituição da significância de uma obra se estabelece na imbricação mútua entre discurso e voz.

Os aspectos prosódicos e acentuais se representam, portanto, como o lugar da passagem do sujeito pelo discurso e pela voz, a passagem do sentido e da significância, que perpassa cada elemento do discurso. O discurso passa a ser concebido como um fluxo, como a estruturação de um sistema que está aberto, inacabado, em curso. A análise mostra que tais aspectos contrariam a linearidade da linguagem e se apresentam como um plural interno, uma simultaneidade.

Tal constatação de que os aspectos prosódicos e acentuais se apresentam como esse plural interno, que estabelece múltiplas relações de sentido, nos leva à consideração radical

daquilo que propõe Benveniste (*ibid.*) ao dizer que o sujeito apropria-se da língua toda para se designar como “eu”, na medida em que esse apropriar-se significa tornar a língua *sua*, tomar a língua a partir de *sua* subjetividade. A partir dessa tomada da língua como sua, brota e nasce o sujeito, que emerge do discurso, por isso, a subjetividade não está somente no uso do pronome “eu”, mas na língua toda. Assim os valores passam de valores da língua, para valores de discurso e somente do discurso particular. O discurso é concebido como um sistema de valores que não é fechado, nem acabado, pois a produção de significância é infinita. Há sempre a possibilidade de se construir novos sentidos, novas leituras.

A observação dos aspectos prosódicos e acentuais da obra analisada em Neumann (*ibid.*) mostra que a prosódia não pode ser separada do valor que se constitui no poema, ou seja, a prosódia participa da organização da paradigmática e da sintagmática próprias de cada poema e auxilia no trabalho poético, para a constituição do valor de cada palavra em um determinado sistema de valor, produzido por uma obra particular.

A análise da voz da obra de Manoel Barros também explicita que os sujeitos constituem-se na e pela voz, e a voz no e pelos sujeitos, ou seja, na empiricidade do discurso. É através da voz que se percebe a constituição da subjetividade, da intersubjetividade e da transsubjetividade, através da transformação do que se considera sentido e/ou valor na língua em sentidos ou valores no discurso.

Assim, ao pensar a linguagem, a voz e a subjetividade como elementos que se constituem em uma imbricação mútua, ou seja, que fazem parte da mesma problemática, ao analisarmos uma obra, não mais escutamos o som, mas o sujeito. O analista é colocado, assim, diante de uma atividade de escuta da enunciação.

Simone de Beauvoir, citada por Meschonnic (1989/2006), postula que não há literatura sem voz, sem uma linguagem que porte a marca da alguém, um estilo, um tom, uma técnica, uma arte, uma invenção, através da qual o autor impõe a sua presença, e, em consequência, seu mundo. Podemos perceber, no entanto, que para chegar a essa noção metafórica de voz, mais recorrente em especial nos estudos literários, é preciso que se busque, antes, a construção da significância da obra, que se constrói através de suas relações entre forma e sentido, entre som e sentido, na medida em que o que é dito não pode ser separado da forma com se diz.

No entanto, conforme nos lembra Meschonnic (2009), embora a voz pareça o elemento mais pessoal, mais íntimo, ela é assim como o sujeito, atravessado por tudo o que faz uma época, um meio, uma maneira de conceber a literatura, e particularmente a poesia, tanto quanto de se conceber.

Quando a voz, através do ritmo, dos aspectos prosódicos e acentuais, das rimas, dos ecos prosódicos, tem papel maior, significa que o corpo está mais engajado na linguagem, pois a voz é um signo do corpo. Por isso a poesia, segundo Meschonnic (*ibid.*), é o modo de significar que fala mais, que transforma mais os modos de significar. A voz figura, então, como a subjetivação do tempo que a linguagem reteria do corpo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que realizei no presente artigo procura trazer para a ordem do dia uma preocupação que é antiga dentro do campo dos estudos da linguagem: a reflexão sobre a arte da linguagem; a fim de, conforme o diz Meschonnic, observar de perto o lugar em que melhor se percebem as características da linguagem.

Tal constatação é comprovada tanto no que concerne à reflexão de Benveniste sobre a significação, quanto àquela de Meschonnic sobre a significância. Benveniste constata, ao debruçar-se sobre os poemas de Baudelaire, que aquilo que havia afirmado sobre a indissociabilidade da forma e do sentido acerca da linguagem em geral, se tornava mais nítido ainda no texto literário.

Meschonnic, também observando a arte da linguagem, percebe que não se pode dissociar na construção da significância de um texto, de uma obra, o som e o sentido. No entanto, sua observação não se limita ao texto literário, mas se estende à linguagem toda. Em *Critique du rythme*, o teórico da linguagem apresenta inclusive análises que evidenciam o papel de aspectos prosódicos e acentuais em textos do jornal *Le Monde*, a fim de mostrar que o ritmo, além de não ser um elemento restrito somente à poesia, estando também na prosa; constitui a construção da significância em outros regimes discursivos.

Ao considerar os textos e as obras enquanto sistemas de discurso que produzem a sua própria sintagmática e paradigmática, conforme o propõe Meschonnic, somos levados a atribuir maior importância a aspectos prosódicos e acentuais da linguagem. Ao conceber os textos e as obras a partir dessa óptica, observamos a construção da sua significância considerando o todo do discurso, passando por aspectos prosódicos, acentuais, sintáticos, morfológicos, por cada vogal, cada consoante. Dessa forma, a análise da construção da significância busca: não mais o sentido das palavras, mas a construção de valores; os elementos que são colocados em destaque, em relevo; as diversas relações de sentido que se estabelecem a partir do destaque dado a morfemas, sintagmas, construções; as sugestões do texto; a abertura de seu sentido.

A trajetória que apresentei aqui mostra exatamente o que, acredito, deva interessar ao estudioso da linguagem em uma proposta de translinguística, em uma busca por análise de textos e de obras, já que a passagem do intralinguístico ao translinguístico, conforme pontuam Messa e Teixeira (*ibid.*), citando La Plantine, não seria a passagem do microscópico ao macroscópico, do merisma à globalidade dos textos. O que importaria seria o olhar dirigido à linguagem. Tal olhar estaria no efeito da tomada crítica do significado “para além da unidade do signo e da comunicação de mensagens” (p. 112). Ou seja, haveria uma alteração de ponto de vista na análise da linguagem, no entanto, o interesse do estudioso da linguagem não seria diferente daquele que moveu Benveniste em suas investigações: a questão da significação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, Émile Da subjetividade na linguagem. In.: \_\_\_\_\_ *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2005 (a).
2. \_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In.: \_\_\_\_\_ *Problemas de lingüística geral, II*. Campinas: Pontes, 2006 (a).
3. \_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz a história. In.: \_\_\_\_\_ *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006 (b).
4. \_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In.: \_\_\_\_\_ *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006 (c).
5. \_\_\_\_\_. *Baudelaire*. France: Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.
6. DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
7. DESSONS, Gérard. Du discursif. In.: *Linguistique et poétique du discours à partir de Saussure*, revue *Langages*, nº 159, sept. 2005.
8. \_\_\_\_\_. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.
9. \_\_\_\_\_. *Le poème*. Paris : Armand Colin, 2011.
10. \_\_\_\_\_. *La rime et la vie*. France: Éditions Verdier, 1989/ Gallimard, 2006.
11. JAKOBSON, Roman. Linguistique et poétique. In: *Essais de linguistique générale*. France : Éditions de Minuit, 1963/2003.
12. \_\_\_\_\_. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
13. MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: antropologie historique du language*. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.
14. MESSA, Rosângela M.; TEIXEIRA, Marlene. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Revista Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, 2015.
15. NEUMANN, Daiane. *Em busca de uma poética da voz*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

**ABSTRACT:** This paper intends to return to a question which runs through the reflections of the great scholars of language since the linguistic is established as a science: the verbal art. The aim is to discuss the relevance of the study of literary text to reflect on signification. To achieve this goal, firstly I present the interest of great linguistics in this subject. Then I discuss the inextricable connection between form and sense, sound and sense, in the literary texts, to propose a theoretical base to the analyses of such texts. Finally, I consider what the analyses of the verbal art show about the construction of the signification, of the sense, in order to raise relevant questions to the language studies.

**Keywords:** Verbal art; theory of language; significance.